

Psicologia experimental versus psicologia racional: um debate interno às instituições de ensino da Companhia de Jesus no século XX
Psicologia no ensino dos jesuítas

Experimental psychology versus rational psychology: an internal debate to educational institutions of the Society of Jesus in the twentieth century

Marina Massimi

Universidade de São Paulo

RESUMO:

O artigo aborda a discussão ocorrida em instituições educacionais da Companhia de Jesus sobre a função da psicologia no currículo de estudos, nas primeiras décadas do século XX na Europa. O estudo baseia-se num levantamento histórico de fontes inéditas no arquivo geral da Companhia de Jesus em Roma. A análise dos dados levantados evidencia que um dos temas mais debatidos é aquele das relações entre psicologia experimental e psicologia racional. Os resultados apontam que esta discussão é perpassada pela tensão entre tradição e inovação, que caracteriza a posição intelectual da Companhia como um todo; e pelo critério jesuíta da acomodação (*acomodatio*), ou seja, a necessidade da adequação ao contexto espaço-temporal de atuação. Mostram também que foi grande o interesse pela psicologia experimental no âmbito da Companhia naquele período histórico.

Palavras-chave: psicologia experimental; psicologia racional; ensino da psicologia; instituições educacionais dos jesuítas

ABSTRACT:

The article describes the discussion that took place in the Company's educational institutions of Jesus about the psychology place in the studies curriculum, in the first decades of the twentieth century in Europe. The research is based on a historical survey of unpublished sources in the Archive of the Jesuit General Curia in Rome. The analysis of the data shows that one of the most debated issues is the relationship between experimental psychology and rational psychology. The results show that this discussion is permeated by the tension between tradition and innovation that characterizes the Company's intellectual position as a whole; and the Jesuit concept of accommodation (*acomodatio*), ie the need to adapt to the spatiotemporal context of action. They also show the interest in experimental psychology within the Company in the twentieth century

Key-words: experimental psychology and rational psychology; psychology in the curriculum; psychology in educational institutions of the Jesuits

Introdução

Os jesuítas se destacaram, desde o século XVI, pelo interesse dispensado à vida interior e pela importância dada aos aspectos psicossomáticos em sua formação e missão (MASSIMI, 2016a; MASSIMI, 2016b). A Companhia de Jesus foi extinta em meados do século XVIII e recriada a partir de 1814. Uma questão que se põe ao historiador é investigar a permanência, ao menos na Nova Companhia, do referido interesse pelo conhecimento da pessoa em todas as suas dimensões. Em pesquisas anteriores verificou-se que, em documentos de natureza autobiográfica, jovens jesuítas, no século XIX e início do século XX, demonstraram uma notável capacidade de análise de sua vida psíquica (COLOMBO & MASSIMI, 2014). Este dado sugere que há, no âmbito da formação jesuítica, uma ênfase no estudo da psicologia.

Apresentamos aqui uma pesquisa histórica que busca fornecer alguns dados para iniciar a investigação deste tema, tendo como fontes documentos referentes à formação escolar dos jesuítas em algumas importantes instituições da Ordem, na Europa.

Currículos e outros documentos referentes à formação nos Cursos superiores de ensino da Companhia de Jesus nas primeiras décadas do século XX, em diversos contextos geográficos da Europa, podem ser encontrados e consultados no Arquivo Histórico da Companhia de Jesus, em Roma. As fontes que aqui levantamos e analisamos são as seguintes: os currículos de algumas importantes instituições de ensino da Companhia de Jesus, como a a Universidade Gregoriana, em Roma; da Universidade de Lovaina e dos colégios jesuítas de Lovaina e de Namour na Bélgica; bem como documentos produzidos no âmbito da Companhia de Jesus na Alemanha acerca do ensino da psicologia e de seus conteúdos.

Seguindo as pistas metodológicas da história cultural, interpretamos as fontes primárias levantadas, à luz do universo cultural em que foram produzidas. Para a compreensão deste universo. Utilizamos, como fontes secundárias, textos concernentes ao ensino na Companhia de Jesus no período histórico considerado; e ainda textos acerca da participação de autores membros da Companhia de Jesus no processo de consolidação da Psicologia científica. Buscamos assim entender as modalidades em que a Psicologia científica foi apropriada pelos jesuítas e significada na perspectiva intelectual e pedagógica da Companhia de Jesus. Utilizamos também a categoria de apropriação segundo a proposta de R. Chartier, focando na reconstrução histórica “dos usos e das interpretações” da Psicologia no âmbito da Companhia, no período histórico

considerado. Levando em conta a existência de específicas “condições e processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido” em um determinado grupo social, a noção de apropriação destaca a existência de uma “pluralidade dos empregos e das compreensões” dos saberes transmitidos, possibilitada pela “liberdade criadora — mesmo regulada — dos agentes” (CHARTIER, 1991, p. 180). Desse modo, tomando os jesuítas como agentes do processo sociocultural de constituição dos saberes psicológicos, buscaremos entender os empregos e compreensões realizadas por eles quanto às teorias e métodos da psicologia científica moderna.

Quanto ao objeto focado, a saber, a discussão ocorrida em instituições educacionais da Companhia de Jesus sobre a função da psicologia no currículo de estudos, nas primeiras décadas do século XX na Europa, cabe observar que o ensino dessa área ocorre como parte dos estudos filosóficos e é perpassada pela distinção entre as áreas da psicologia experimental e da psicologia racional. Tal distinção pertencia à tradição filosófica alemã, inaugurada no século XVIII; de modo que no século XX era já um tópico amplamente compartilhado. Essa tradição contemplava a organização da psicologia em duas áreas complementares: psicologia empírica, voltada para o uso dos métodos científicos – que aborda a vida psíquica em suas relações com a fisiologia e funda suas teorias em dados de experiência –, e psicologia racional – que concerne questões tradicionais da psicologia filosófica (tais como origem e destino da alma, sua natureza, etc.) e usa os métodos dedutivos para elaborar suas conclusões. A formulação dessa distinção deve-se a C. Wolff (1679-1754); posteriormente, I. Kant (1724-1804) retomou-a, negando, porém, valor científico a ambas as áreas (VIDAL, 2006). Ao longo do século XIX, vários enfoques de psicologia filosófica, como o espiritualista e o neotomista, assumiram esta divisão, que comparece também nos manuais escolásticos de filosofia. Era comum, portanto, que, seja manuais, seja currículos escolares, utilizassem análoga terminologia e a mesma modalidade de organização da área.

O ensino da Psicologia na Universidade Gregoriana, em Roma

A *Universidade Gregoriana de Roma* é a herdeira do *Colégio Romano* fundado por Inácio de Loyola, em 1551. Iniciou a funcionar no ano de 1873, mas efetivamente chegou a uma organização completa como centro de ensino universitário, em 1930. A instituição foi planejada para ser o centro propulsor do pensamento jesuíta no século XX, no plano internacional, sendo frequentada por alunos (jesuítas e não jesuítas) do

mundo inteiro (GIBERT, 2006).

Leonel Franca (1914) assinala que, nessa Universidade, vigorou, a partir de sua fundação, uma importante tradição filosófica ligada ao tomismo, que enfatizava as continuidades entre o pensamento clássico e medieval e o pensamento moderno, na esteira da tradição da Companhia, desde suas origens, preocupada em estabelecer nexos entre a tradição e o momento cultural contemporâneo (MASSIMI, 2016). Tal posição cultural se inscreve na própria identidade social e religiosa dos jesuítas, cuja gênese, no século XVI, se localizava no contexto histórico do Humanismo, especialmente da *Universidade de Paris*. Ali, o fundador da Ordem, Inácio de Loyola estudou e iniciou uma comunidade de estudantes e docentes, o primeiro núcleo da *Companhia de Jesus*.

Paris, desde seus inícios importante centro propulsor da filosofia escolástica no século XVI era imbuída também pelos ideais humanistas e renascentistas. Desse modo, o estudo de Tomás à luz dos autores humanistas e renascentistas caracterizou desde o início a formação jesuítica (CAEIRO, 1982).

No *Arquivo Histórico da Companhia*, podemos consultar os documentos referentes à organização do plano de estudos da *Universidade Gregoriana*. Por sua leitura, buscamos indícios acerca da inserção da Psicologia dentre as disciplinas da grade curricular proposta pela instituição.

Dentre os documentos referentes ao plano de estudo para o biênio propedêutico aos estudos teológicos e filosóficos no período entre 1909 e 1925 (ARSI, *Studia* 4 1020), encontra-se um escrito de 15 de março de 1925: *De Cursu Magisterii* de autoria de Padre Agostino Bea, em que se discutem os programas do curso bienal. Bea (1881-1968), jesuíta alemão, formou-se na *Universidade Gregoriana* em 1914 e tornou-se posteriormente cardeal e figura de destaque no *Concílio Vaticano II* (SCHMID, 1987). O documento em questão consiste na avaliação de uma proposta curricular acerca da qual o relator sugere melhorias. Na terceira página (fl. 3), Bea propõe a implementação de algumas disciplinas nas Faculdades de Teologia e de Filosofia; sugere que, na Faculdade de Filosofia, os alunos recebam noções teóricas de cosmologia e de psicologia experimental que lhes permitam frequentar a universidade. Desse modo, observa-se que disciplinas como psicologia experimental, história da filosofia e cosmologia são reconhecidamente necessárias para a formação de futuros professores de teologia e filosofia escolástica.

Outro documento encontrado no Arquivo é um esquema de proposta da

instituição dos cursos de Magistério da *Universidade Gregoriana*, elaborado em 1925. No capítulo quarto do texto dedicado ao curso de Magistério na Faculdade de Filosofia, o autor (anônimo) frisa a importância do ensino da filosofia escolástica e do conhecimento dos outros sistemas filosóficos, sejam antigos, sejam recentes. Afirma que devem ser lecionadas as disciplinas de teoria do conhecimento, filosofia natural e psicologia racional, sendo a elas dedicada pelo menos uma hora semanal. No que diz respeito ao conteúdo, o texto coloca que, posta a importância do estudo de autores como Tomás de Aquino, Aristóteles e Platão, é preciso, porém, atualizar os programas, incluindo avanços recentes do conhecimento (“*ut doceant et scribant accomodate ad exigentiam nostri temporis*”: f. 7).

O critério jesuítico da acomodação é aqui utilizado para referir-se à necessidade de atualização didática. Tal critério, derivado da arte retórica romana, é frequentemente empregado no âmbito da Companhia, de modo amplo, como pode se apreender pela leitura das cartas do fundador Inácio de Loyola: a acomodação visa a propiciar o diálogo com o interlocutor e com o contexto, para a melhor realização dos objetivos missionários (MASSIMI & FREITAS, 2007). No plano intelectual, isto significa empreender processos de apropriação da tradição filosófica do passado, particularizada pela influência das mudanças culturais que marcam o período contemporâneo. Desse modo, por exemplo, os autores dos manuais Conimbricenses elaborados pelos jesuítas do colégio de Coimbra no fim do século XVI, realizavam uma releitura de Aristóteles à luz de Tomás de Aquino, sendo, porém, “receptivos a uma vasta gama de influências, algumas próprias da tradição filosófica anterior, outras características do contexto intelectual do Humanismo e da Renascença, influências estas de teor mais propriamente filosófico, mas também médico ou de outras áreas da “filosofia natural”.” (MASSIMI, 2016b, p. 173). A proposta de Bea parece inserir-se nessa tradição, evidenciando uma continuidade entre o estilo de apropriação peculiar dos jesuítas na Antiga Companhia e a posição intelectual dos jesuítas do século XX.

O segundo parágrafo do projeto recomenda preleções de específicas disciplinas filosóficas (filosofia natural, psicologia racional) como pré-requisitos para o estudo das ciências naturais, psicologia experimental, biologia. O autor sugere também um critério para o ensino de tais disciplinas: julgar as teorias científicas à luz dos valores da filosofia escolástica. Desse modo, o estudo das ciências seria funcional à aprendizagem do bom uso da filosofia escolástica enquanto instrumento de juízo. Com esta justificativa, dá-se, então, amplo espaço ao estudo das ciências no curso de magistério.

Outro documento chamado *Schema rationis studiorum pro cursibus magisterii in Pontificia Universitate Gregoriana Instituti*, no capítulo quinto parágrafo 24 (fl. 15), ao abordar as disciplinas do curso filosófico, cita novamente a filosofia natural e a psicologia racional como pré-requisitos ao estudo da ciência natural, da psicologia experimental e da biologia. Novamente discute-se a questão do método de ensino de tais disciplinas recomendando que as conclusões da ciência experimental sirvam para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da filosofia escolástica, “de forma que os alunos possam entender de que modo teorias científicas possam ser consideradas e avaliadas criticamente à luz dos valores da filosofia escolástica” (fl.5, trad. nossa).

Todavia, as dificuldades de aplicar este método de ensino aparecem numa carta de 31 de março de 1928, assinada pelas siglas ARPV onde se coloca o problema que,

Em Roma, os docentes dos alunos do biênio no ensino da filosofia moderna são competentes quanto à explicação das teorias dos vários sistemas, mas não [são competentes] quanto a explicitar as dificuldades que depois não refutam, ou pior, mostram-se incapazes de refutar, deixando dúvidas nos alunos acerca do valor das teorias dos racionalistas e perplexidades acerca da eficácia das refutações dos católicos (Studia 4 1020 Fasc. 15, trad. nossa).¹

A preocupação de que a ‘acomodação’ não se transforme numa adequação acrítica às teorias da moda e o questionamento quanto à assimilação pela cultura jesuítica de matriz europeia de padrões próprios da cultura americana, transparecem numa carta do jesuíta e historiador Tacchi Venturi. Em nota escrita aos 30 de janeiro de 1939, ele comenta acerca dos problemas no ensino no referido biênio: “precisa cuidar para que não aconteça que os sócios americanos não se imbuam do espírito romano tanto quanto os europeus se americanizem (grifo do autor)” (*Studia* 4, 1020, III, 1926, fasc. 16, trad. nossa). O escrito de Tacchi Venturi evidencia que toda apropriação sempre implica a atuação de grupos sociais com suas peculiaridades e a existência de conflitos entre eles: neste caso, conflitos entre identidades nacionais presentes no seio da Companhia.

Em documentos de 1911 a 1919 (*Studia* 4 1020 Doc. 1911-19 *De biennio* MS. Pasta IV), há um trecho dedicado à necessidade de atualização dos docentes que lecionam matérias como cosmologia, psicologia, filosofia moral, e ética: (“Acerca do fato de que os docentes de cosmologia, psicologia, filosofia moral e ética devam se acomodar às urgentíssimas necessidades de nossos tempos”, p.7, trad. nossa). Por este motivo, continua o texto, “os docentes de cosmologia devem ter também graduação em física e química, os docentes de psicologia devem ter graduação em psicologia

experimental, fisiologia e biologia”. E ao discutir a oportunidade de adquirir estas competências, o autor do documento cita a opinião de G. Lindowsky jesuíta, docente e psicólogo que se destacou por sua formação científica e que, ao avaliar o plano curricular, indicou ser necessária a inclusão da psicologia experimental.

Johannes Lindowsky (1875-1939), o autor citado, mostra em seu currículo uma rica e diversificada formação científica e filosófica: doutorou-se em Munich sob a orientação de J. Fröbes, foi professor em Praga em 1928 e depois em Roma, na Universidade Gregoriana. Simpatizante da escola de Wurzburg e das pesquisas lá desenvolvidas sobre o pensamento sem imagens, estudou o conceito de vontade e motivação. Escreveu vários tratados na área de psicologia, dentre eles, *Der Wille* (1919) e *Willenschulke* (1922), onde usou dados experimentais de laboratório para refutar a doutrina tradicional da vontade como força e para propor uma nova teoria fundada no conceito de motivação. Publicou também *Psicologia da Ascese* (1935), *Psicologia experimental* (1921), *Psicologia Teoretica* (1932). A produção de Lindowsky parece exemplificar a disposição à acomodação e a modalidade de apropriação dos saberes própria do espírito da Companhia: em texto de 1946, ele afirma que a espiritualidade pode ser auxiliada pelos resultados e pelas orientações decorrentes dos avanços da psicologia científica.

Na pasta que contém a documentação da Universidade Gregoriana de 1920 a 1926, (ARSI, Pasta IV 1920-26), encontra-se o *Documento de biennio philosophico instituendo Federico Klimke* escrito em Roma em 1921: refere-se ao ensino da psicologia especulativa (“in *psychologia quaestio de potentiis animae*”, fl.1); e frisa a importância do ensino da psicologia também na parte do currículo dedicado à história da filosofia. Aliás, dentre as partes da filosofia, a psicologia ocupa um papel de destaque.

Outro documento achado no Arquivo referente à Universidade Gregoriana é intitulado *Schema delle due consulte tenute nella Curia dal rettore e dai professori dell'Università Gregoriana dal 26 aprile e 8 maggio 1919 sui corsi superiori da stabilirsi*. O apêndice do documento trata do ensino da filosofia e afirma que no primeiro e segundo ano de curso deve constar a disciplina obrigatória de psicologia experimental (uma hora por semana). Cita-se o nome do docente que leciona psicologia: Padre Nicola Monaco. Quanto aos cursos livres, recomenda-se ter duas horas de ciências fisiológicas e duas horas de psicologia experimental e biologia, aos cuidados do professor Padre Carlos Macksey.

Os dois docentes por sua vez produziram documentos conservados no anexo do *Schema*: Padre Macsey redigiu um texto em latim: *Responsa ad quaesita posita in consultatione de studiis universitatis Gregoriana*, escrito em dois momentos: no dia 26 de abril de 1919 e no dia 8 de maio do mesmo ano. Na primeira página, cita o ensino da biologia e da psicologia experimental como matérias que devem ser ministradas gradativamente.

O professor Nicola Monaco escreveu em italiano o texto (datado Roma: 16 de maio de 1919): *Risposte ai due quesiti proposti dal P. Rettore a nome del molto Reverendo Padre Generale riguardo al modo d'istituire un corso superiore di teologia e filosofia all'Università Gregoriana*. Neste, afirma-se a importância de que haja uma hora por semana de psicologia experimental no currículo, “evidenciando sua natureza, importância e relação com a filosofia e desenvolvendo com profunda síntese alguns fenômenos mais importantes” (p. 3, trad. nossa).

Nicola Monaco é docente de Filosofia Moderna e nesta qualidade dá sugestões para o biênio do curso filosófico em Roma no setembro de 1920 (*Per il biennio di filosofia*): um tópico verte sobre o “estudo acerca das questões experimentais seja de física seja de fisiologia, conexas às questões filosóficas” (trad. nossa, fl. 2):

Seria suficiente que um docente ministrasse algumas conferencias, talvez duas por mês, para expor os últimos resultados das ciências experimentais, certos ou prováveis. E aos alunos caberia examinar as consequências filosóficas dedutíveis e relaciona-las com aquelas que tradicionalmente são reconhecidas. E eles poderiam aprofundar especialmente as questões mais difíceis e discutidas ainda hoje, debaixo da orientação do docente de ciências e do docente de metafísica (MONACO, 1920, fl.2, trad. nossa).²

Evidencia-se, portanto, que esse docente da Companhia, especialista na área da filosofia moderna, busca abrir espaço para os resultados do conhecimento científico na consideração dos temas antropológicos.

Num documento de 21 de julho de 1925 (ARSI; IHG.AM, P. 7 item. 24 par. 1.2) chamado *Schema alterum studiorum in cursu magisterii Pontificiae Universitatis Gregoriana* *Inst. Ratio et Norma*, proposta normativa para o curso de magistério da Universidade Gregoriana, novamente se reafirma a importância de, no ensino, comparar os resultados da psicologia experimental com as teorias da psicologia racional.

Análoga inserção da psicologia nos currículos dos Colégios inicianos acontece em outros Países: por exemplo, o documento da Assistência Hispânica, Província de Aragona, chamado *Algunos apuntes sobre el estudio de ciencias em la Provincia de*

Aragon 1920-21 (Roma, 7 dez. 1921), contém a *Informacion de P. Vicente Guimerá* onde, no plano de estudo dos colégios, comparece o ensino de “*psychologia*” no quarto ano (pp. 14-15).

A modalidade de inserção da psicologia científica nos estudos da Universidade Gregoriana indicada pelos documentos acima analisados está em plena conformidade com aquele espírito de ‘acomodação’ ao ambiente cultural contemporâneo que, como vimos, caracteriza a Ordem de Loyola, desde suas origens. Assim como no século XVI os filósofos Conimbricenses procuravam compatibilizar em seus tratados as doutrinas dos ‘antigos’ com as dos ‘modernos’, na sequência dessa tradição, os filósofos jesuítas do século XX buscam dar continuidade a esse diálogo que de algum modo é inerente ao carisma missionário dos inicianos.

O ensino da Psicologia nos colégios jesuítas da Bélgica

Um centro universitário de estudos jesuítas de referência é o Colégio de Lovaina, na Bélgica, fundado em 1544 (O’MALLEY, 1999). Na mesma cidade atuava desde 1425, a Universidade Católica de Lovaina, ponto significativo de irradiação da filosofia neotomista. O neotomismo, segundo a interpretação de um dos seus eminentes expoentes, Agostino Gemelli, é uma filosofia que “visa restaurar o pensamento medieval no âmbito da cultura moderna” (GEMELLI, A. Neoescolástica, A. em [http://www.treccani.it/enciclopedia/neoscolastica_\(Enciclopedia-Italiana\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/neoscolastica_(Enciclopedia-Italiana)/) retirado em 22/09/2016, trad. nossa). A retomada do pensamento de Tomás de Aquino foi inaugurada por uma encíclica do Papa Leone XIII de agosto de 1879: *Aeterni Patris*, cujo maior efeito foi a constituição em 1889, na Universidade de Lovaina, do Instituto Superior de Filosofia, inspirado no pensamento do Aquinate, a partir da cadeira de filosofia tomista instalada desde 1882 por Desiré Mercier (1851-1926). Ministrando o ensino no idioma local (em Roma, a língua oficial era a latina) e pondo-se em contato vivo com as ciências experimentais, Lovaina exerceu sua influência num imenso raio de ação. Inclusive, dentre as obras didáticas de Mercier, há uma dedicada à psicologia, escrita em 1920. Mercier e sua escola atacavam o positivismo criticando sua insuficiência filosófica e, ao mesmo tempo, valorizaram o novo espírito científico, introduzindo-o no âmbito do pensamento tomista. Expressiva desta posição é a *Revue Néoscolastique* (1894), editada pelo Instituto. Mercier formou em redor de si um grupo escolhido de professores que ampliaram e consolidaram o prestígio do Instituto: dentre eles, Armand Thiéry (1868-1955), que foi enviado por Mercier para ser discípulo do

Laboratório de Psicologia Experimental de W. Wundt, em Leipzig (Araujo, 2010). Thiéry estudou ilusões óticas e fundou um laboratório análogo ao regressar em Lovaina em, 1892, de modo que o Instituto se consagrou oficialmente à psicologia experimental. Neste local, posteriormente, desenvolveu seus trabalhos experimentais A. Michotte (1881-1965), universalmente conhecido pelas importantes pesquisas sobre percepção de causalidade.

O clima cultural da cidade influencia também os estudos no Colégio jesuíta, conforme indica a análise das fontes levantadas no Arquivo da Companhia e que descrevemos a seguir.

Na Pasta referente aos anos de 1922 a 1930 (*Judicium biennistarium de biennio*), escritos elaborados pelos alunos e docentes do biênio do Colégio Superior Jesuíta de Lovaina e enviados para Roma aos 12 de abril de 1930, encontra-se um texto de junho de 1924 de autoria de P. Jarbot, o qual se refere à necessidade de atualização dos docentes, quanto ao ensino da filosofia contemporânea, competência esta exigida pelos alunos do curso. Neste texto, é citado novamente Lindworsky, como exemplo da capacidade de integração entre o pensamento próprio da tradição filosofia tomista e os resultados das ciências modernas:

Temos necessidade de sermos introduzidos ao conhecimento das correntes contemporâneas da filosofia. Os nossos alunos não nos perdoarão se ignorarmos Russell, ou Bergson, ou Scheler. Aulas bem preparadas por especialistas (do tipo daquelas de P. Lindworsky sobre a psicologia experimental) serão uma primeira iniciação (JARBOT, 1924, fl. 5; tradução nossa).³

Num documento do Colégio Superior Jesuíta de Lovaina de 1918 (*Organisation des cours et exercices pratiques em philosophie*), encontra-se um esboço do Programa de filosofia, onde consta no segundo ano de curso, o ensino da psicologia experimental, com carga horária de duas horas por semana (fl. 3); e no terceiro ano, psicologia experimental, com carga horária de uma hora por semana (fl. 5).

Ainda com relação ao estudo da psicologia nas instituições jesuíticas da Bélgica, na Pasta *Studia* (4 1021) são preservados os Programas dos cursos de Filosofia e de Ciências matemáticas do colégio jesuíta *Notre Dame de la Paix* da cidade de Namur, referentes aos anos de 1900 e 1901. Consta deles que o curso de Filosofia e Letras, no segundo semestre prevê o ensino de três horas semanais de psicologia (fl. 6). Quanto ao curso de Ciências, voltado para a graduação em ciências naturais e ao curso preparatório para a graduação em ciências naturais, medicina, farmácia e medicina veterinária, no

primeiro semestre consta o ensino de psicologia junto com noções de anatomia e fisiologia (fls. 9 e 10): à psicologia devem ser reservadas três horas semanais e às demais matérias, uma hora cada uma. Quanto ao corpo docente, são indicados os nomes dos docentes de psicologia para o Curso de Filosofia e Letras (Professor A. Castelein) e para o curso de Ciências (Professor E. De Heel).

Junto ao Programa de curso de 1908-09 do mesmo colégio, figuram os pontos para o Exame de graduação em Filosofia e Letras. A primeira prova de admissão preparatória ao curso de Direito deve compreender como terceiro ponto “Psicologia e noções elementares de anatomia e fisiologia humanas” (fl.8). A prova para a admissão ao biênio propedêutico em ciências naturais preparatório para o curso de Medicina, deve incluir, como primeiro ponto, “Lógica, Psicologia, Noções de anatomia e fisiologia humana, Filosofia moral”. Nos horários do curso de Filosofia e Letras (fls. 12 e 13) consta o ensino da psicologia no segundo semestre (quatro horas semanais). No horário do curso de Ciências e Matemáticas, a psicologia é lecionada no primeiro semestre (uma hora por semana) e no segundo semestre (uma hora por semana). Os docentes de psicologia nos dois cursos são respectivamente os professores A. Castelein e A. Durez.

Em suma, na Bélgica, a psicologia é objeto de estudo nas instituições jesuíticas, evidenciando-se, em alguns casos, a distinção entre psicologia e psicologia experimental. Já não comparece mais o ensino da psicologia racional. No âmbito da psicologia se foca, de modo geral, o estudo da vida sensorial e afetiva, e da vida intelectual. A perspectiva, na Bélgica, assim como na Universidade Gregoriana, é a da integração entre a *filosofia perennis* de Tomás de Aquino e os modernos avanços da ciência, em particular da psicologia científica. Mas, diferentemente do que acontece na instituição romana, a ênfase maior nessa integração é dada à ciência experimental.

O dissenso entre docentes de psicologia experimental e de psicologia racional nos colégios jesuítas da Alemanha

O documento n. 32 de 1920 da Pasta do Arquivo Histórico da Companhia, referente à Província alemã, chamado *De studio Psychologiae experimentalis et de eius habitudine ad Psychologiam rationalem*, de autoria de P. Ciran Grutt é de grande interesse por evidenciar o dissenso existente entre os docentes de psicologia experimental e de psicologia racional, nas instituições de ensino da Companhia.

Ciran Grutt narra que, nas situações onde o ensino da psicologia experimental era especialmente valorizado, se observava uma desconfiança recíproca entre os

docentes de psicologia racional e de psicologia experimental:

Como se o ensino de uma fosse em detrimento do ensino da outra. Tal atitude é muito distante da caridade e contrária ao estudo; ao passo de que a cada uma das duas disciplinas cabe uma função específica, dentro do domínio que lhes compete e dentro de seus limites. Seria desejável que cada docente, buscando sinceramente a verdade no âmbito de sua própria disciplina, anseie unicamente à maior glória de Deus (GRUTT, 1920, p. 1, trad. nossa) ⁴.

Após reprovar a atitude daqueles docentes e ao convidá-los a retomar o ideal missionário da Companhia como foco de seu trabalho, o escritor alerta para o perigo de que tais discórdias e dissensões tenham efeitos na formação dos jovens estudantes e analisa as causas que as insuflam. Em primeiro lugar, o relator assinala a diversidade de formação científica entre os docentes de psicologia racional e os de psicologia experimental: “os primeiros adquiriram seus conhecimentos seguindo os métodos da filosofia escolástica; os segundos formaram-se em universidades seculares onde aprenderam os métodos indutivos e experimentais, desconfiando, portanto, dos métodos dedutivos”. Disto decorreriam os conflitos entre as duas competências (GRUTT, 1920, fl.2, trad. nossa). ⁵

Uma segunda razão apontada pelo relator é ligada a primeira e concerne a diversidade dos ambientes científicos de proveniência de ambas as categorias de docentes: de um lado, os de psicologia racional discutem as questões científicas com colegas versados na filosofia escolástica; de outro, os de psicologia experimental têm por interlocutores sujeitos que estudam as ciências. Estes, na maioria dos casos, são adeptos da filosofia positivista e desconhecem a filosofia escolástica. Desse modo, facilmente pode acontecer que “apesar de os nossos docentes de psicologia experimental evitar os excessos do positivismo, todavia no modo de falar e de escrever mantenham algo da postura positivista, sendo este fato causa de desconfianças e murmurações por parte dos outros docentes”. (idem, fl.2, trad. nossa).

Devido a tal situação, em alguns casos, os professores de psicologia experimental reagem assumindo posições que não se limitam às finalidades de suas disciplinas, mas atraem os estudantes para a prática da psicologia experimental em detrimento das disciplinas racionais. (fl.3). Além disto, “ocorrem dissensos quando alguns temas comuns a ambas as disciplinas são abordados pelos docentes com terminologias diferentes; de modo a produzir confusão nas mentes dos estudantes” (idem, fl. 2). ⁶

O texto continua focando outro tópico: “o estado de animo peculiar que se

encontra frequentemente entre os docentes de psicologia racional a respeito dos docentes de psicologia experimental”. Este “estado de animo” é composto por diferentes elementos: “em primeiro lugar, o temor, às vezes não sem fundamentos, que o docente de psicologia experimental diga e ensine coisas que, se não forem efetivamente e propriamente contrárias à psicologia racional, todavia parecem muito divergentes dela”. Esta atitude gera certa desconfiança a respeito do professor de psicologia experimental, de modo que “este, nas coisas científicas, é quase que considerado como um adversário”. Isto faz com que

Muito frequentemente o docente de psicologia racional atribua a si mesmo a responsabilidade de vigiar com todo cuidado sobre a ortodoxia da doutrina do professor de psicologia experimental, criticando o modo de falar daquele, ou levantando dificuldades e às vezes discorrendo acerca de picuinhas. (GRUTT, 1920, fl.2) ⁷

A situação fica ainda mais complicada nos casos em que os docentes de psicologia racional pensam que “os estudos experimentais por si mesmos sejam uma ameaça para a psicologia, devido ao uso do método indutivo que facilmente levaria ao positivismo”.

O relator analisa também “os estados de animo” dos docentes de psicologia experimental. Nestes, “o uso contínuo do método experimental (idem, fl.4) faz com que confiem muito pouco nos métodos dedutivos utilizados pela filosofia escolástica”. Além disto, os que atuam na área da psicologia experimental acabam por serem impregnados pela visão da modernidade; ao passo de que, os que trabalham com a psicologia racional, acabam por serem influenciados pela concepção de mundo própria da tradição da filosofia perene. Uma péssima situação ocorre nos casos em que o docente de psicologia experimental, nas aulas e conversações, afirme que a doutrina escolástica, especialmente a tomista, carece da comprovação dos fatos e, devido a isto, não é adequada para resolver os problemas contemporâneos. E pode acontecer também que o referido docente declare em suas aulas, de “confiar mais nos resultados positivos das ciências experimentais (mesmo quando pouco comprovados), do que nas conclusões das doutrinas especulativas, mesmo que solidamente confirmadas” (GRUTT, 1920, fl. 4, trad. nossa) ⁸.

Diante deste panorama, o autor do documento propõe um quarto ponto propositivo visando compor os conflitos entre as duas tendências, “segundo a reta norma da verdade”. Em primeiro lugar, sugere que “os docentes de psicologia racional e de metafísica tenham bem claro o valor da contribuição de Aristóteles e Santo Tomás e

dos demais autores escolásticos, dentro das possibilidades de seu tempo, contribuição valiosa também para o desenvolvimento da ciência experimental” (idem, fl. 5):

Lembrem-se de que Aristóteles foi mestre também nas ciências experimentais e indutivas e que S. Tomás em seus escritos, na medida do possível, apelou para experimentos visando confirmar as suas deduções em cosmologia e em psicologia. Lembrem-se especialmente suas doutrinas sobre as paixões, sobre as virtudes, sobre o sono e a vigília, sobre os fantasmas, etc. (GRUTT, 1920, fl. 5).⁹

Em suma, o fato de a doutrina de Tomás e de seus seguidores, colocar suma importância no raciocínio dedutivo, não implica em desconsiderar e negligenciar os experimentos; na verdade, os referidos autores consideravam que as deduções corretas pudessem proporcionar um grau de certeza maior que os experimentos sendo que nesses as deficiências dos instrumentos de investigação eventualmente produziriam resultados inexatos. Além disto, o relator coloca que “todos os erros da doutrina escolástica acerca dos fenômenos naturais, brotaram do fato dela ter fundamentado suas deduções em premissas ligadas a dados experienciais enganosos, cuja falsidade, apesar da retidão do raciocínio dedutivo, levara a conclusões erradas”. (idem, fl.5). De tudo isto, conclui “ser conforme a tradição escolástica o fato de que, na medida do possível, as deduções racionais e teóricas sejam fundadas em dados experimentais solidamente comprovados”. Este critério vale também no caso da psicologia. Desse modo, fica evidente “a contribuição da psicologia experimental”:

Quanto mais amplo for o conhecimento experimental dos elementos materiais, e das operações do composto humano (pois é acerca desta precisa matéria que versa toda a psicologia experimental), não será lícito ao filósofo metafísico que sinceramente deseje a verdade, desprezar esses conhecimentos. Estes, pelo contrário, podem contribuir ao máximo esplendor da filosofia escolástica, cujas conclusões aparecerão ainda mais verdadeiras quando forem confirmadas pelos resultados das ciências experimentais modernas (GRUTT, 1920, fl.6).

O relator continua seu arrazoado afirmando que, nessa perspectiva, o docente de psicologia experimental deve ter clareza acerca do fato de que é incongruente o lugar que à psicologia é assinado pelas escolas modernas, quase que ela esteja na origem e no centro das demais ciências: isto “resultaria num subjetivismo que perverteria a hierarquia adequada entre as ciências e atribuiria à psicologia experimental uma função indevida” (fl. 6). Esta observação reflete a rejeição ao psicologismo, difundida no clima

cultural da época, sobretudo a partir dos estudos de Husserl (PORTA, 2010). Por isto, Grutt afirma a necessidade de que “em nossos colégios, a psicologia experimental não passe de seus limites, ou seja, ela deve ser pura auxiliaria da psicologia racional e teórica: esta deve ser exposta segundo a tradição da filosofia escolástica”. (GRUTT, 1920. fl. 6) ¹⁰

Um quinto ponto do documento alerta o professor de psicologia racional, para que procure conhecer os argumentos discutidos no âmbito da psicologia experimental; de modo que sua desconfiança e temores a respeito da disciplina não brotem da ignorância. Da mesma forma, é desejável que o docente de psicologia experimental conheça o conteúdo das aulas da disciplina psicologia racional; e dialogue de modo amigável com o docente desta disciplina caso se evidenciem algumas incompatibilidades entre as conclusões da psicologia experimental e as da psicologia racional, “de modo que a verdade tenha o seu lugar” (GRUTT, 1920, fl. 7). Grutt recomenda que o docente de psicologia experimental tome conhecimento dos argumentos discutidos nas aulas de psicologia racional, confirmando-os pela via experimental. Grutt assinala que psicólogos racionais e psicólogos experimentais podem colaborar ao abordar temas quais: conhecimento sensorial, fantasia e fantasmas, hábitos cognitivos, memória e consciência sensitiva, paixões, hábitos; e outros tópicos referentes “às operações do composto humano” (idem, fl.7). Segundo o autor, o docente de psicologia experimental deve sempre ter consciência que os dados mais recentes obtidos pela pesquisa experimental demandam comprovação ao longo do tempo e não podem ser tomados como conclusões definitivas. Do mesmo modo, o docente de psicologia racional deve levar em conta as novas hipóteses propostas em sede experimental.

O ultimo item do documento concerne qualidades a serem exigidas aos docentes de psicologia experimental: em primeiro lugar, a liberdade intelectual diante dos vieses positivistas; em segundo lugar, a consciência de que o objetivo de suas aulas não é a formação de docentes em psicologia experimental, mas o auxílio ao ensino da psicologia racional, oferecendo o suporte das confirmações experimentais para as conclusões da filosofia escolástica. Nos casos em que o docente-psicólogo experimental trate de questões com significação mais ampla, como o conhecimento pelos sentidos externos e internos e os apetites sensitivos, conhecimentos estes dos quais derivam aspectos pertinentes às questões morais, deve buscar fundamentos na filosofia escolástica. Nos casos em que houver discrepância entre as conclusões da psicologia

experimental e a doutrina escolástica, recomenda-se que o docente investigue com sinceridade e busque possibilidades de conciliação. Procure “não depender exclusivamente da autoridade dos modernos” e evidencie, “nos assuntos experimentais, a sagacidade e diligência dos antigos os quais, dentro das possibilidades de sua época, em muitos casos buscaram analisar com cuidado e agudeza os fatos e submetê-los a experimentação”. (GRUTT, 1920, fl.8)¹¹. Convém que o docente de psicologia experimental frise nas aulas “as diferenças entre a linguagem dos antigos e dos modernos”, levando em conta que “os mesmos fenômenos sob outro nome, eram conhecidos também pelos antigos, mesmo que eles tivessem menor clareza quanto às determinações materiais desses fenômenos” (GRUTT, 1920, fl.9)¹². A colaboração entre os docentes de psicologia experimental e de psicologia racional será atuada com mais facilidade se houver o hábito científico da discussão entre eles, de modo que uns conheçam os temas abordados pelos outros; evitando em suas aulas discursos e juízos que possam colocar em dúvida a eficácia das conclusões de ambas as disciplinas. Finalmente, o relator reitera a necessidade de que haja diálogo frequente entre os docentes de psicologia experimental e os de psicologia racional.

Em suma, o documento evidencia que a tradicional contraposição entre psicologia experimental e psicologia racional presente na cultura alemã, se radicalizou entre os docentes das instituições jesuíticas, nas primeiras décadas do século XX, o que parece plausível num contexto histórico em que a psicologia experimental já tomara um caminho próprio e declarara sua plena autonomia da filosofia. Essa contraposição dificulta a aplicação do método de apropriação próprio dos jesuítas, que, como vimos, é voltado a valorizar conjuntamente o antigo e o moderno, compatibilizando-os. A epistemologia positivista da época, com sua rígida afirmação da incomensurabilidade entre ciência experimental e saberes de outra natureza, ameaça o diálogo necessário e rechaça a tradição rotulando-a conhecimento não verdadeiro. Por outro lado, os argumentos apresentados na discussão e acima relatados, de que o positivismo não seria uma ciência e sim uma interpretação filosófica da mesma e de que já Aristóteles associara observação científica e filosofia, irão possibilitar aos jesuítas trilhar com liberdade o rumo da ciência moderna.

Conclusão

A discussão acerca do conteúdo do ensino da psicologia em colégios jesuítas da

Europa nas primeiras décadas do século XX evidencia a importância que essa área assume na formação, sendo ela apropriada segundo a modalidade própria da Companhia, ou seja, compatibilizando a tradição cultural herdada, com as novidades da cultura e da ciência contemporâneas.

Qual era o conteúdo desse ensino? Vimos que, por um lado, sob o rótulo de psicologia racional, se ensinava a psicologia filosófica de filiação tomista, conforme a orientação doutrinária geral do pensamento católico da época. Por outro lado, a psicologia experimental se faz presente nos currículos, nos programas de ensino e nas opções pessoais de docentes, na elaboração de manuais realizada por pesquisadores jesuítas diretamente envolvidos no campo da ciência. Em alguns casos, as duas vertentes da psicologia chegam a conflitar, manifestando-se este conflito no desempenho e nas relações entre os docentes. Todavia, a tendência geral da Ordem de Loyola é de compor esses conflitos de modo a incluir, no ensino, uma visão de mundo alicerçada na tradição, mas verificada a partir dos métodos e das temáticas da ciência do mundo contemporâneo. Nesse sentido, a contraposição entre psicologia racional e psicologia experimental, oriunda da filosofia alemã, é reinterpretada no contexto jesuítico em termos de complementaridade, possibilitando aquele diálogo entre *antigos* e *modernos* que como vimos é preconizado pelo carisma da Companhia.

Por fim, pela análise dos documentos didáticos, podemos concluir que os jesuítas aderiram ao uso dos métodos experimentais em psicologia, mas mantiveram a preferência para o estudo de temas especialmente significativos na tradição da Companhia, como o da vontade. Cabe relevar também a existência de discordâncias internas à Ordem no que diz respeito à definição do papel da psicologia: seria ela funcional à confirmação das teorias psicológicas da filosofia perene? Ou, por ela se ocupar dos fatos internos, constituir-se-ia em fundamento das demais áreas do conhecimento? O estilo da constituição e transmissão dos saberes próprio da Companhia de Jesus, pluralista e multifacetado, nos faz pensar que não haja uma resposta unívoca e monolítica a estas questões.

Referências

- ARAUJO, Saulo Freitas. *O projeto de uma psicologia científica em Wilhem Wundt. Uma Nova interpretação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.
- CAEIRO, Francisco Gama. O pensamento filosófico do século XVI ao século XVIII em Portugal e no Brasil, *Acta do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia*. Braga, pp. 51-90, 1982.

- CLAEYS Bouúaert, Fabienne. *L'Ancienne Université de Louvain*, Études et Documents, Lovain: Editora da Universidade de Lovain, 1956.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, 1991, n. 11 (5). pp.173-189, 1991.
- COLOMBO, Emanuele; MASSIMI, Marina. (2014). *In viaggio, Gesuiti candidati alle missioni tra Antica e Nuova Compagnia*. Milano: Il Sole 24 Ore, 2014.
- FRANÇA, Leonel. *Noções de Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1914.
- GEMELLI, Agostino. Neoescolástica, A. em [http://www.treccani.it/enciclopedia/neoscolastica_\(Enciclopedia-Italiana\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/neoscolastica_(Enciclopedia-Italiana)/) retirado em 22/09/2016.
- GIBERT, P. *Universitas Nostra Gregoriana*. La Pontificia Università Gregoriana ieri e oggi, Roma: Edizioni PUG, 2006.
- LINDWORSKY, Johannes. *Psicologia de la ascetica*. Tradução de Del Valle, G. Buenos Aires: Editorial Excelsa, 1946.
- LINDWORSKY, Johannes. *Manuale di Psicologia sperimentale*. Trad. de Galbi e Gatti. Milão: Morcelliana, 1939.
- MASSIMI, Marina. *História da Psicologia no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 2004.
- MASSIMI, Marina. *Saberes psicológicos no Brasil*. Curitiba: Juruá, 2016a.
- MASSIMI, Marina. Circulação de saberes psicológicos no Brasil colonial: apropriações de saberes produzidos pelos jesuítas e suas transformações no contexto local. Em: Assis, Raquel Martins; Peres, Sávio Peres. (2016). *História da Psicologia. Tendências contemporâneas*. (169-189). Belo Horizonte: Artesá, 2016b.
- MASSIMI, Marina e FREITAS, Geisa. Acomodação retórica e adaptação psicológica na pregação popular dos jesuítas na Terra de Santa Cruz. *Mnemosine*. vol 3 (1): 111-135, 2007.
- MERCIER, Denise. F.F. J.. *Psychologie*. Louvain: Institut Supérieur de Philosophie, 1920.
- MICHOTTE, Albert. *The perception of causality*. Methuen: Andover, MA, 1962.
- O'MALLEY, John W. *I primi gesuiti*, Alberto Schena Tradutor. Milano: Vita e pensiero, 1999.
- PORTA, Mario Ariel Garcia. *Husserl: fenomenologia, psicologismo, psicologia*. São Paulo: Loyola, 2010.
- SCHMIDT, Stjepan. *Agostino Bea: il cardinale dell'unità*. Roma: Città Nuova, 1987.
- VIDAL, Fernando. *Les Sciences de l'âme XVI-XVIII siècle*. Paris: Champion, 2006.

Documentos de arquivo

- ARPV. Carta de 31 de março de 1928. ARS.I: Studia 4 1020, Fasc. 15, 1928.
- AUTORES VARIOS. Schema delle due consulte tenute nella Curia dal rettore e dai professori dell'Università Gregoriana dal 26 aprile e 8 maggio 1919 sui corsi superiori da stabilirsi. Studia 4 1020 Doc. 1911-19.

- BEA, Agostino. (1925). De Cursu Magisterii. ARSI: Studia 4 1020, 1925.
- GRUTT, C. (1920). *De studio Psychologiae experimentalis et de eius habitudine ad Psychologiam rationalem.* ARSI: n. 32 de 1920 da Pasta Província alemã.
- JARBOT, P. Judicium biennistarium de biennio, Lovaina, junho de 1024. .ARSI: STUDIA IV. Anos de 1922 a 1930.
- KLIMKE, Federico. Documento de biennio philosophico instituendo Roma, 1921. ARSI, Pasta IV 1920-26. 1921.
- MACSEY, Charles. Responsa ad quaesita posita in consultatione de studiis universitate Gregoriana, redigido no dia 26 de abril de 1919 e no dia 8 de maio do mesmo ano. Studia 4 1020 Doc. 1911-19.
- MONACO, Nicola. Risposte ai due quisiti proposti dal P. Rettore a nome del MRP Generale riguardo al modo d'istituire un corso superiore di teologia e filosofia all'Università Gregoriana. ARSI. Studia 4 1020 Doc. 1911-19. Roma 16 de maio de 1919.
- Schema alterum studiorum in cursu magisterii Pont. Univers. Greg. Instit. Ratio et Norma, 21 de julho de 1925 (ARSI; IHG.AM, P. 7 item. 24 par. 1.2), 1925.
- SEM AUTOR. De biennio. ARSI Studia 4 1020 Doc. 1911-19 Pasta IV, 1911-1919.
- SEM AUTOR. Schema rationis studiorum pro cursibus magisterii in Pont. Universitate Gregoriana Institutis ARSI: Studia 4 1020. Sem data.
- SEM AUTOR. Algunos apuntes sobre el estudio de ciencias em la Provincia de Aragon 1920-21 (Roma, 7 dez. 1921.), ARSI Assistência Hispânica, Província de Aragona. 1921.
- TACCHI Venturi, Pietro. Carta de 30 de janeiro de 1939. ARSI: Studia 4 1020.fasc. 16, 1939.

Marina Massimi
Professora Senior
Instituto Estudos Avançados – USP
E-mail: Massimi3@yahoo.com

¹ “A Roma, i professori dei biennisti per quanto riguarda la filosofia moderna sono buoni a spiegare le teorie dei vari sistemi, a mettere innanzi le difficoltà che poi non confutano, o peggio ancora mostrano di non saper confutare, lasciando dubbi gli scolari su la bontà delle teorie dei razionalisti e perplessi su l’efficacia delle confutazioni dei cattolici” (Documento STUDIA 4 1020 FASC. 15)

² “Basterebbe che un professore tenesse alcune conferenze, forse due al mese, per esporre gli ultimi risultati delle scienze sperimentali, o certi, o probabili. E ai biennisti spetterebbe di esaminare le conseguenze filosofiche che dovrebbero dedursi e metterle in relazione con quelle che sogliono comunemente ammettersi. E potrebbero fare qualche lavoro speciale sulle questioni più difficili e tuttora dibattute sotto la guida sia del professore di scienze che del professore di metafisica”.

³ “Nous avons tous besoins d’être initié aux courants contemporains de la philosophie. Nos élèves nous pardonneront difficilement d’ignorer Russell, ou Bergson, ou Scheler. Quelques leçons biens faites, par des spécialistes (à l’exemple de celles de P. Lindworsky pour la psychologie expérimentale) seraient une première initiation.”

⁴ “Non raro evenire postes (et de facto evenit aliquando in nostri scholis), ut iis in locis ubi psychologia experimentalis majori quadam cum amplitudine traditur, lectores metaphysicae, seu etiam psychologiae

rationalis, et lectores psychologiae experimentalis quadam reciproca diffidentia se invicem asperexit, velut si doctrina unius in detrimentum esset eorum quae ab iis docebantur. Quod nemo non videt et quantum a caritate absonum sit, et contrarium illi in studiis profectui, qui certe non poterit abesse, quando singulis disciplinis suos locus et sui confines recte assignentur, et quisque lector, veritatem sincere inquirendo intra cancellos propriae disciplinae, unice tendat ad majorem Dei gloriam”.

⁵ “Primum et fortasse praecipuum assignandum videtur diversitar formationis scientificas lectorum psychologiae rationalis, et lectorum psychologiae experimentalis. Dum enim primi totam suam doctrinam, ut in pluribus, secundum methodum scholasticam acquisiverunt, alii contra in universitatibus saecularibus formati, sensim sine sensu methodum inductivam ita sibi propria fecerunt, ut deductivum ratiocinium minus in honore habere videantur. Unde exsurgit quasi contrarietas quaedam in ipso spiritu doctrinali, qui et primos et alteros respective informat.”

⁶ “Fortasse etiam dissensus aliquando, saltem materialiter, augetur ex hoc, quod res quaedam tum psychologiae rationalis, tum psychologiae experimentalis communiter pertinentes, terminis omnino diversis a lectoribus illius et istius designentur, ita ut in discipulorum mentibus perturbatio quaedam oriatur, quae certo officit serio in studiis profectui.”

⁷ “Timor, aliquando non infundatus, ne lector psychologiae experimentalis talis dicat et doceat, quae, si non vere et proprie contraria philosophiae scholasticae, tamen ab ea difformia non parum videantur. Consequentes exsurgit status quidam habitualis diffidentiae erga ipsum lectorem psychologiae experimentalis, ut si ipse, in re scientifica, quae adversarius considerandus esset. Inde fit ut aliquando lector psychologiae rationalis sibi putet esse vigilandum omni cura circa orthodoxia doctrinae lectoris psychologiae experimentalis, ac proinde inquirat circa eius modum loquendi, quaerendo mínimas difficultates, et etiam a cavillationibus non abhorrendo. Haec omnia autem maiorem vim acquirunt si lector psychologiae rationalis sibi persuasum male habeat, studiis experimentalibus in re psychologia non sine periculo incumbi posse, quippe quae, methodi inductiva causa, ad positivum rectam viam facile sternat” .

⁸ “Usus continuus methodi experimentalis, cui tales lectores addicti sunt, in causa esse potest, ut ipsi minorem quam decet fiduciam demonstrent deductionibus pure rationalibus, quales maxima cum utilitate adhibentur in philosophia scholastica. Cum, ratione suorum studiorum, lectores psychologiae experimentalis inquirere semper debeat in ea quae quotidianis experimentis in dies deteguntur, ita ut tota eorum disciplina quandam redoleat modernitates, accidere potest, ut alii lectores psychologiae rationalis, qui philosophiae perennis dimiter adhaerente, antiquiores et veterati ipsi videantur, et talem persuasionem aliquando, saltem indirecte, demonstrent et expriment. Quod quidem tunc pessimum evaderet, quando et in praelectionibus et in conversationibus eo pertingeret, ut de doctrina scholastica, et praecipue de doctrina S. Thomae, se minus reverenter sentire demonstrarent veluti si minus apta reperiretur ad moderna problemata solvenda. Tandem non raro evenit, ut modus loquendi lectoris psychologiae experimentalis, praesertim quibusdam in quaestionibus, aliquantulum positivum sapiat, ita ut aliquando appareat, ipsum lectorem fidere positivis inventis scientiarum experimentalium quamvis minus probatis, quam conclusionibus speculativis etiam solide confirmatis.”

⁹ “Meminerint Aristotelem, etiam nunc laudari ut magistrum scientiae experimentalis et inductivae, et S. Thomam in suis scriptis, ubicumque ei potestas data fuit, ad experimenta appellare, ut confirmativa suarum deductionum praesertim in cosmologia et psychologia. Inspiciatur, ex.gr., tota eius doctrina de passionibus, doctrina de virtutibus, de somno et vigília, de phantasmatis, etc...”

¹⁰ “Quare necesse omnino est, ut in nostris scholis, psychologia experimentalis ex suis finibus non exorbiter; qui tales sunt ut ipsa ni aliud esse videatur et sit quam purum auxilium psychologiae rationalis et theoreticae, quae omnino secundum scholasticam traditionem exponi debet.”

¹¹ “Procurat non ita exclusive modernorum auctoritates afferre ut nulla appareat in re experimentalis veterum sagacia et diligentia, sed ubicumque hoc possibile erit, afferat etiam auctoritatem antiquorum, qui saepe valde acute et accurate facta ipsa interna analysi et experimento subieciuntur”.

¹² “Juverit ut lector psychologiae experimentalis collationem faciat inter modos loquendi antiquorum et modernorum de iisdem tractantium, ut inde demonstratur, quaedam facta et phaenomena, quamvis sub alio nomine, et certe minus clare quad materiam determinationes, ipsis tamen satis nota fuisse”.